PENSAR E EXISTIR: O PULSAR DA EDUCAÇÃO PERIFÉRICA EM CONFLUÊNCIA COM NÊGO BISPO

THINKING AND EXISTING: THE PULSE OF PERIPHERAL EDUCATION IN CONFLUENCE WITH NÊGO BISPO

Mônica B. de S. Nascimento[1]

Resumo:

O presente trabalho parte de reflexões ancoradas no legado do intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santo. De notável talento discursivo Nêgo Bispo, como se tornou conhecido, cunhou conceitos originais e profundamente inovadores tornando-se, sobretudo, um tradutor entre a oralidade e a escrita. Nesta perspectiva, trago a sua contribuição na valorização da diversidade epistemológica que pode tensionar as estruturas curriculares e contribuir para processos formativos.

Palavras-chaves: Nêgo Bispo. Educação Popular. Contracolonialismo. Pedagogia Crítica.

Abstract:

This paper is based on reflections rooted in the legacy of the quilombola intellectual Antônio Bispo dos Santos. Known for his remarkable rhetorical talent, Nêgo Bispo coined original and profoundly innovative concepts, serving primarily as a bridge between oral traditions and written expression. In this context, I highlight his contribution to valuing epistemological diversity, which can challenge curricular structures and enhance educational processes.

Keys words: Nêgo Bispo. Popular Education. Counter-colonialism. Critical Pedagogy.

[1] Pedagoga; especialista em História da África pelo Centro de Estudos Afro-asiáticos da Universidade Cândido Mendes(CEAA/UCAM); especialista em Relações Raciais e Educação pelo PENESBI/UFF; Mestre em Educação Vocacional no Trabalho Internacional pela TU-Dresden/Alemanha. monican@id.uff.br; https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0005-8491-5885

Antônio Bispo dos Santos — ou simplesmente Nêgo Bispo[2], como se tornou popularmente conhecido entre nós, se constituiu num dos mais importantes intelectuais quilombolas do Brasil. Atuou como lavrador, poeta, escritor, professor, ativista negro e foi, sobretudo, um tradutor entre a oralidade e a escrita, alguém capaz de transitar entre mundos epistemológicos distintos sem subordiná-los a hierarquias coloniais. Possuidor de notável talento discursivo, cunhou conceitos originais e profundamente inovadores. Embora tenha publicado poucos livros, deixou um patrimônio intelectual vasto e fecundo, marcado pela abundância de saberes.

Um griot, guardião e transmissor dos saberes de seu povo? Talvez. Mas, sobretudo, um intelectual quilombola cuja produção de conhecimento se originou na relação indissociável com os viventes de seu território, com a oralidade, a memória e os modos de existência que conformam sua experiência coletiva. Pensador original e sagaz, deixou um legado singular por jamais compreender o conhecimento apartado do mundo, tornando porta-voz da resistência e da própria possibilidade de existir e reexistir. Assim, Bispo[3] mostrou-se, em seu pensar e agir, como alguém que se engajou, comprometendo-se visceralmente com as causas que lhe foram apresentadas em sua vida comunitária.



Nêgo Bispo, cuja autoridade emergia da experiência vivida e de seu profundo enraizamento comunitário, construiu, por meio de suas palavras e práticas, um singular saber orgânico. Trata-se de um conhecimento tecido na vida cotidiana, nas lutas coletivas, nas memórias ancestrais e no compromisso ético com seu povo. Um saber constituído de forma incessante pelo desejo de aprender, porque, para ele, o ato de aprender se realiza de maneira inexorável por meio de uma pergunta permanente: pergunta que não se cristaliza, mas que se reinventa na oralidade, na escuta, na

[2] Nêgo Bispo foi radicalmente quilombola, um vivente contracolonial que nasceu em 1959, no Vale do Rio Berlengas (PI), num povoado onde hoje fica a cidade de Francinópolis. Mudou-se de Francinópolis para a região de São João do Piauí. Faleceu em 2023 aos 63 anos de idade, sendo enterrado na comunidade de Saco Curtume, no Piauí, na região do Nordeste do Brasileiro.

[3] Ilustração: Dinelli / @dinelli

experiência e na partilha. Assim, aprender não é acumular conteúdos, mas movimentar-se em um processo contínuo de formação, no qual pensamento e ação se entrelaçam, fazendo do conhecimento uma prática viva, situada e politicamente comprometida com a transformação social.

Filho de mãe que *sempre atuou na produção*[4] e de um pai repentista, que, até seus sete anos de idade, transformou os repentes em verdadeiras canções de ninar, embalando sua infância com versos, ritmos e palavras que desde cedo o iniciaram na força poética da oralidade. A partir deste contexto, desenvolveu seu *jogo de contrariar palavras* ou, como ele próprio o denominou, *guerra das denominações*: uma estratégia que, a partir de seus conhecimentos ancestrais, desafia a sociedade colonialista, apropriando-se de seus próprios recursos e tensionando, internamente, as estruturas que sustentam seu pensamento "precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa" (Bispo, p.13, 2003). Ele explica:

> Em outros escritos em que traduzi os saberes ancestrais de nossa geração avó da oralidade para a escrita, trouxemos algumas denominações que as pessoas na academia chamam de *conceitos.* A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de *guerra das denominações*: o jogo de contrariar palavras coloniais como modo de enfraquecê-las (Bispo, p.13, 2003).

Entretanto, segundo o próprio Nêgo Bispo, sua habilidade linguística teria se desenvolvido a partir do hábito de ouvir o Repente[5], entoado pela voz de seu pai como canto de ninar durante a sua infância. Em seu modo de pensar, ele nos propõe, com a astúcia de quem ginga na circularidade de uma roda de capoeira, enfraquecer as palavras do colonizador e subverter o pensamento hegemônico, fazendo emergir uma linguagem rica em novos conceitos e sentidos.

[4]Itaú Cultural. *Trajetórias* [Vídeo] You Tube. 2024, fev. 2024. Disponível em https://youtu.be/Tqt9BnrolFg?si=ECj8vZ-WxUYivapm Acessado em 25 jan. 2026.

[5] Repente é uma arte poético-musical popular do Nordeste brasileiro, caracterizada pelo improviso de versos cantados em duplas ou grupos, que dialogam entre si e com o público, acompanhados por instrumentos como a viola.

Apresento aqui alguns exemplos que considero conceitos-chave para nos ajudar a compreender não apenas o pensamento de Nêgo Bispo, mas também o modo singular como ele constrói sentidos, tensiona categorias e produz deslocamentos epistemológicos. São noções que emergem de sua experiência, de sua linguagem inventiva e de sua prática contracolonial, e que nos permite adentrar num campo conceitual em que palavra, território, ancestralidade e política se entrelaçam. Ao explorá-los, busco evidenciar como esses conceitos operam como ferramentas de leitura de mundo e, ao mesmo tempo, como convites a reinventar nossas formas de pensar, ensinar e aprender.

Início de seu eixo político central, talvez o ponto mais significativo de seu pensamento, por constituir um convite à reflexão sobre uma ampla gama de questões que, sem qualquer revanchismo, a meu ver, nos instigam a repensar a nossa própria história. *Contrariando* o colonialismo, Bispo propõe o conceito de *contracolonialismo* para se referir aos modos de viver e pensar dos povos tradicionais que, ao resistirem aos processos etnocidas impostos pelo jugo colonial, afirmam outras formas de existência e de produção de conhecimento, em oposição à visão eurocêntrica, etnocêntrica que insiste em se manter presente entre nós até os nossos dias. Aqui, reconheço em Bispo, para além de um intelectual, um porta-voz de maiorias minoritariamente representadas em nossa sociedade que, de forma propositiva, aponta para a possibilidade de outros caminhos, inclusive no que diz respeito à construção de um conhecimento acadêmico mais diverso e transformador, capaz de dialogar com outros saberes e reconhecer a legitimidade das experiências de estudantes periféricos e insurgentes, como ele próprio, cujas vozes e territórios produzem conhecimentos essenciais para a reinvenção da educação.

Trago também o conceito de saber orgânico que, segundo as suas palavras, *é o saber que nos envolve, é o saber do ser* para enfraquecer o saber sintético que seria *o saber que desenvolve, o saber do ter*. A partir de suas vivências no movimento sindical, Bispo faz as suas reflexões sobre o desenvolvimento sustentável que para ele, ao desenvolver, estaríamos *nos desconectando e podendo, apenas, reciclar.* Assim, ele

criou o conceito de *biointeração* que seria tudo aquilo possível de ser *reeditado.* Com a sua inventividade, ele se posiciona ante ao ato de aprender, tendo diante de si *uma pergunta permanente*, cuja *vivência* nos move *para outros lugares e,* em suas formulações, descreveu assim o saber: *quando você compartilha o saber, o saber só cresce. É como as águas que confluenciam. Quando o rio encontra outro rio ele não deixa de ser o rio, ele passa ser um rio maior.*

É a confluência em nós. Quando reconhecemos os saberes que vem com os corpos, as histórias, as ancestralidades e as resistências, não se trata de apagar um rio em nome de outro, mas de permitir que fluam lado a lado, até que a escuta, o respeito e a transformação tomem possível um novo curso. Um rio que não é mais apenas o Negro ou o Solimões, mas um rio amazônico de sentidos, que carrega a potência de muitos mundos em um só leito. Assim também pode ser a escola: não um lugar de imposições, mas de encontros e onde a diversidade não se dissolve, mas cria novas margens para seguir ou nas palavras de Bispo:

> Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia (Santos, 2023, p. 04).

Nêgo Bispo, homem de pouca escolaridade, mas de profundo saber, entendia que na vida há o começo para se referir aos ancestrais ou geração avó, geração meio referindo-se a geração mãe ou os viventes de seu tempo e começo outra vez, considerando a geração neta dando continuidade ao ciclo da vida mantendo vivo o conhecimento de seu povo e o perpetuando através de gerações.

Insurgente por princípio e se auto proclamando contracolonial foi resistência por não se deixar colonizar e entendendo que só se descoloniza o que, de alguma forma, foi colonizado. Bispo desafiou o determinismo social, quebrando paradigmas estabelecidos e construindo um caminho inovador sem entrar em conflito com suas origens. Possuidor de um capital cultural elaborado nas entranhas de seu povo

quilombola e mirando num futuro transformador que transcende os limites do chão em que vivia, teve, em seu tempo, uma postura inquietante e fiel às causas de seu povo suplantando ideias conservadoras no tocante à produção do saber. Assim, ao ser enviado à escola para *traduzir o seu saber oral em escrituras,* ou seja traduzir o conhecimento de seu povo para a cultura letrada da escola, ele cursou apenas oito anos dos bancos escolares. Contudo, elaborou partindo de sua trajetória, uma forma singular de pensamento que tencionou/tensiona os limites da epistemologia dominante. É nesse sentido que contrapõe o saber sintético — associado ao ter, ao acúmulo, à lógica da propriedade — ao saber orgânico, vinculado ao ser, ao viver, ao que nos envolve e nos constitui. Essa distinção, em minha compreensão, não apenas reconfigura o debate sobre conhecimento, mas também desestabiliza as bases coloniais que sustentam a produção e a validação dos saberes no Brasil.

Refletir sobre a educação periférica em confluência com o seu pensamento constitui, portanto, um convite a abandonar a lógica da exclusividade e da competição epistemológica, reconhecendo a potência de outros modos de pensar capazes de reunir diferentes saberes pois, ao compreender a educação como um ato de confluência, encontro em Nêgo Bispo , especialmente em sua metáfora do rio , a força do movimento que, ao tocar outros cursos, não se enfraquece; ao contrário, *rende*, se reinventa e segue em permanente devir. Assim, deveria ser a ação educativa: um constante convite ao encontro, nos permitindo afetar e ser afetados pelas confluências que se desenvolvem entre nós.

A *confluência* sugerida por Nêgo Bispo pode ser entendida como um diálogo gerador de um *saber orgânico.* Neste ponto, a confluência de Bispo que faz render, sem se perder, encontra ressonância nas ideias do educador Paulo Freire, pois ambos nos convidam a ler criticamente o mundo, compreendendo que a leitura da palavra é sempre precedida, e continuamente atravessada, pela leitura de mundo que se faz a partir do lugar onde nossos pés pisam e prenhe de nossa história. Poder ler o mundo é também poder recriá-lo a partir de uma visão ampliada; por isso, educar nunca é uma ação neutra, pois implica uma prática consciente que nos mobiliza a reescrever e

transformar o mundo. Trata-se de uma dinâmica em que palavra e ação se entrelaçam como forças de libertação.

> A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele (...). De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (Freire 2001, p.11).

Essa compreensão paulo freiriana do ato de ler como prática transformadora dialoga profundamente com a noção de reexistência, oriunda das epistemologias do Sul, que propõe não apenas resistir aos processos de apagamento cultural e epistêmico criticado por Bispo, mas reinventar-se a partir de práticas pedagógicas, identitárias e cognitivas próprias pois,

> [...] des-pensar e desaprender no Sul global visa sobretudo reinventar ou reabilitar, como sábios e válidos, saberes e experiências que o pensamento ortopédico e a razão indolente declararam ignorantes e produziram como ausentes. No Norte global, des-pensar e desaprender visa sobretudo aprender a ignorar (Santos, 2010, p. 31).

Assim sendo, pensar a partir desse paradigma significa acionar uma das chaves interpretativas fundamentais da virada decolonial — ou, melhor ainda, como propunha Nêgo Bispo, da virada **contracolonial**. Isso porque o ato de des-pensar e desaprender não se reduz a um gesto de recusa; trata-se de uma ação política e epistemológica que cria brechas, desloca certezas e reinscreve experiências. Esse movimento assume múltiplos sentidos a depender do contexto geopolítico isto é, do território e das relações que nele se engendram, revelando que as formas de conhecer, resistir e existir são sempre situadas, corporificadas e historicamente marcadas.

No Sul global, *des-pensar* e *desaprender* são práticas voltadas à reinvenção e reabilitação de saberes historicamente deslegitimados. Trata-se de um processo de reconexão com tradições de conhecimento que foram silenciadas ou marginalizadas pela lógica colonial e pelo "pensamento engessado" — denunciando a tentativa de

moldar e controlar os saberes a partir de normas rígidas e eurocentradas. Nesse contexto, os saberes indígenas, afrodescendentes, quilombolas, camponeses e de outros grupos historicamente subalternizados foram produzidos como 'ausentes' pela razão colonial, embora tenham permanecido vivos na oralidade, nas práticas e nas formas de resistência que atravessam o cotidiano de nossas periferias.

Reexistir, portanto, é reescrever o mundo com base em saberes historicamente silenciados, pessoais e comunitários, promovendo rupturas com as lógicas hegemônicas e abrindo espaço para uma pedagogia crítica, plural e enraizada nas realidades concretas dos sujeitos subalternizados. Esse processo implica promover rupturas com as lógicas coloniais e eurocentradas que definem quais conhecimentos são considerados válidos, científicos ou universais. Nesse sentido, reexistir é também um ato político-pedagógico que busca reconstruir identidades, histórias e epistemologias a partir das experiências e dos territórios de existência dos sujeitos subalternizados.

Ao convocar uma pedagogia crítica, plural e enraizada nas realidades concretas das populações marginalizadas, a **reexistência** confronta diretamente o monopólio de saberes historicamente valorizados, legitimado nas diferentes instâncias de ensino. Isso porque, ao afirmar outros modos de ser, saber e ensinar, ela desestabiliza a lógica escolar que hierarquiza conhecimentos e reconhece apenas aqueles validados pelos grupos hegemônicos. A reexistência, ao contrário, reivindica a legitimidade dos saberes produzidos nas margens — saberes forjados na experiência, na ancestralidade, na coletividade e nas práticas cotidianas de sobrevivência e invenção. Assim, ela desloca o centro interpretativo da educação, abrindo espaço para epistemes que não apenas questionam o habitus dominante "que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço social dos estilos de vida" (Bourdieu,p.162,2007) no caso eurocêntrico, mas instauram outras possibilidades de leitura e transformação do mundo, tensionando as estruturas que sustentam a desigual distribuição de bens culturais por toda a sociedade.

Aqui busco, portanto, contribuir para a compreensão de que, no chão da escola, emergem iniciativas de reexistência que podem inspirar outros espíritos insurgentes, como Nêgo Bispo, a trilhar caminhos subvertendo a ordem e suplantando os determinismos sociais que podem inibir ou aniquilar mentes brilhantes. Tais práticas, quando aliadas a um compromisso ético e político com os direitos humanos e, portanto, ao direito à educação, evidenciam a urgência de repensar as bases que sustentam os processos educativos nas escolas e universidades brasileiras — instituições historicamente moldadas por uma lógica eurocentrada, excludente e, muitas vezes, descomprometida com as realidades e vozes das populações subalternizadas. Assim, este texto tem o sentido de provocar aberturas de caminhos que valorizem a diversidade epistemológica, reconhecendo e legitimando saberes ancestrais, quilombolas e populares, em ruptura com a lógica colonial ainda presente nas estruturas curriculares e nos processos formativos.

Ancorada nos princípios da educação decolonial e da pedagogia crítica, esta reflexão aposta na reterritorialização do conhecimento e na ressignificação das práticas educativas como expressões de resistência, pertencimento e liberdade. Ao fazê-lo, reforça a importância da escuta ativa e da valorização dos sujeitos historicamente marginalizados como protagonistas do processo educativo, reconhecendo que é na potência de suas experiências, memórias e narrativas que se abrem caminhos para uma prática pedagógica verdadeiramente emancipadora e comprometida com a transformação social.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento.** 1ª ed. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk,2007

BISPO, Antônio (Nego Bispo). **Colonialismo e quilombos**. 1ª. ed. São Paulo: [s.n.], 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Composto escola: comunidades de sabenças vivas**. Organizado por Yuri Firmeza et al. São Paulo: n-1 edições, 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

Data do envio: 01/05/2026

Data do aceite: 12/08/2026.